

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO E CARTA BRANCA SEM RECEITA

26 de Maio de 2022

A FELICIDADE / 2007

um filme de JORGE SILVA MELO

Realização, Argumento: Jorge Silva Melo *Imagem:* José Luís Carvalhosa *Som:* Armanda Carvalho *Montagem:* Vítor Alves *Mistura:* Miguel Martins *Música:* *Exsultate, Jubilate* de Mozart *Assistente de realização:* João Pinhão *Maquilhagem:* Cláudia Machado, Sónia Cintra *Fotografia de cena:* Catarina Botelho *Interpretação:* Fernando Lopes (o pai), Pedro Gil (o filho), Miguel Borges (o skater).

Produção: Artistas Unidos (Portugal, 2007) *Direcção de produção:* Manuel João Águas, João Matos *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, cor, falada em português, 8 minutos *Primeira apresentação pública:* 10 de Julho de 2008, no Curtas Vila do Conde *Estreia comercial em Portugal:* 23 de Julho de 2009, no cinema City Classic Alvalade (com AS PRAIAS DE AGNÈS, de Agnès Varda) *Primeira apresentação na Cinemateca:* 28 de Março de 2014 (“Paulo Rocha e Fernando Lopes, “Uma Espécie de Gémeos Diferentes”, com LOVEBIRDS de Bruno de Almeida).

CONVERSAS COM GLICÍNIA QUARTIN / 2004

um filme de JORGE SILVA MELO

Realização: Jorge Silva Melo *Imagem:* Rui Poças *Som:* Emídio Buchinho *Montagem:* Vítor Alves *Investigação:* Joana Frazão *Maquilhagem:* Eva Graça *Cenografia:* Rita Lopes Alves *Fotografias:* Fernando Lemos, Vítor Palla, Ernesto de Sousa, J. Marques, Paulo Cintra, Laura Castro Caldas, Cristina Reis, Fiúza *Quadros:* Júlio Pomar, Vespeira, Fernando de Azevedo, Sá Nogueira *Assistentes de imagem:* Paulo Magalhães, César Casaca *Com:* Glicínia Quartin, Jorge Silva Melo (não creditados).

Produção: Artistas Unidos *em colaboração com* Rogério Ceitil Audiovisuais (Portugal, 2004) *Direcção de produção:* Manuel João Águas *Primeiras exposições públicas em Portugal:* 20 de Dezembro de 2004 no Pequeno Auditório da Culturgest; 5 de Janeiro de 2005 na Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema (“Parabéns Glicínia Quartin!”) *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, betacam digital, 4:3, cor, falada em português, 55 minutos.

O que é belo, fraternalmente belo, neste filme seco e terno, cru e franco, [BELARMINO de Fernando Lopes] é que também ele é vadio. [...] Lopes vai filmando – no gerúndio.

Jorge Silva Melo, *Século Passado*

Desse vento fresco que soprou pelos anos 50, guarda a Glicínia Quartin este sorriso muito terno mas muito irónico, tão lindo. O sorriso que a deixa sempre ser moderna, recusar a grosseria do melodrama, esconder-se atrás da curva de uma intenção.

Jorge Silva Melo, *Século Passado*

A experiência de curta curta-metragem de Jorge Silva Melo é o seu último filme de ficção, o filme em que antes do biográfico AINDA NÃO ACABÁMOS, COMO SE FOSSE UMA CARTA, consigo e com o jovem actor João Pedro Mamede numa encenada passagem de testemunho, filma uma espécie de despedida ficcional: A FELICIDADE, uma história de pai e filho, com o cineasta Fernando Lopes no papel do primeiro e Pedro Gil no do segundo, e uma terceira personagem, o *skater* Miguel

Borges, a figurar a vitalidade num eco de ANTÓNIO, UM RAPAZ DE LISBOA. Para a *short story*, Jorge Silva Melo pensou em Fernando Lopes, seu par de ofício cinematográfico, como um pai cujo filho leva ao hospital numa curta viagem solar, emoldurada pelo azul do mar da marginal Lisboa-Cascais. É um azul filmado nos travellings luminosos que seguem as duas personagens embarcadas no automóvel, e este o lugar de um discreto “encontro”, ao som do *Exsultate, Jubilate* de Mozart que ouvimos logo depois do som do mar com que o filme abre e que, na obra de Jorge Silva Melo, ressoa pelo menos desde os incêndios de COITADO DO JORGE.

“Nem o pai sabia que o filho gostava de música clássica, nem o filho sabia que aquela seria a última conversa que teria com o pai. Mas Mozart pede que as almas se alegrem, que os homens rejubilem”, escreveu JSM a propósito. Rejubilantes, a música e a travessia da paisagem que dão, ao filme, a sua tonalidade casam com a melancolia estampada na expressão doce do pai. A FELICIDADE é uma despedida sem lágrimas. Ou quase, porque num dos últimos planos, depois de deixado à porta do hospital de Santa Maria, vemos Fernando Lopes pôr umas gotinhas de soro fisiológico nos olhos. Pouco antes, o filho afasta-se no mesmo automóvel que os trouxe aos dois até ali, e é na imagem do espelho retrovisor que o vemos a afastar-se do pai. Uma *furtiva lágrima*? Uma *lágrima de cinema*? (como as lágrimas de Sylvie Rocha em ANTÓNIO, UM RAPAZ DE LISBOA? como a lágrima negra de rímel chorada por Marie Carré em AGOSTO? como de cinema são as lágrimas por chorar de Luis Miguel Cintra em NINGUÉM DUAS VEZES?)

A ficção paira sobre o documental CONVERSAS COM GLICÍNIA. Quando realizou “o filme com Glicínia”, Jorge Silva Melo iniciara já a série “retratista-ensaísta”, tendo filmado dois filmes *sobre* ou *de* ou *com* artistas, cada um dos termos se adequando conforme a preferência e apesar de serem, cada um e todos eles, termos redutores para definir as obras a que se aplicam. Seja como for, é à volta da obra de dois artistas plásticos e de uma actriz que Silva Melo anda nestes filmes. O primeiro é, em 1995, A. PALOLO, VER O PENSAMENTO A CORRER e dele terá surgido a vontade de um outro “de carácter mais historiográfico, sobre o grupo de artistas que, desde os finais dos anos 50, começaram a impor caminhos de grande originalidade (e heterodoxia) a partir de Évora. Falo de Joaquim Bravo, Álvaro Lapa e Palolo”. Aconteceu então JOAQUIM BRAVO, ÉVORA, 1935, ETC., ETC., FELICIDADES. Além do retrato – pessoal, artístico, de percurso, tratava-se – o filme trata – de cumplicidades. Como já sucede em PALOLO, em parte assente na relação entre Silva Melo e o pintor. Como acontece em CONVERSAS COM GLICÍNIA QUARTIN, mas pressupondo a intimidade entre o realizador e a actriz.

CONVERSAS COM GLICÍNIA é construído na montagem das longas conversas que Glicínia Quartin manteve com Jorge Silva Melo em sua casa, ela em grande plano sentada num sofá, deixando ver atrás de si um jarro de flores do lado direito e, do esquerdo, a parte inferior de um quadro de Sá Nogueira que no fim, só no fim, filmado em grande plano na sua totalidade, se descobre ser um retrato da actriz, de quem o realizador se declara admirador confesso da única vez que, fora de campo, aparece no filme. Os enquadramentos variam ligeiramente, mantendo-se no essencial semelhantes. Os planos pertencem na sua maioria a Glicínia Quartin nesse registo de conversa com um companheiro de longo curso (Silva Melo) com o qual, ao fluir da(s) conversa(s), a cumplicidade é um dado de partida. Pontuando as conversas e os planos de Glicínia, fotografias ou excertos de filmes (DOM ROBERTO, de Ernesto de Sousa, 1962) servem de referência, assim como os livros, de cujas páginas o filme arranca, uma das paixões da actriz. E – é conhecido – do

realizador que os filma num lento travelling para a direita, colado às respectivas lombadas, plano que repete um idêntico de JOAQUIM BRAVO e que de certo modo evoca os travellings sobre as fachadas dos prédios lisboetas percorridos em PALOLO. Um tipo de plano em que Jorge Silva Melo vai persistindo com gosto até AINDA NÃO ACABÁMOS.

Num texto especialíssimo, publicado na revista *Epicur* em 2002, Silva Melo discorre sobre a importância de Glicínia Quartin no Teatro e no Cinema Português desde finais da década de 50, notando-lhe a “imprevisibilidade e a coerência”, “uma soma difícil” cujo resultado é uma extrema liberdade, como aí concluiu e como resulta evidente deste filme, onde a luminosidade da actriz – Jorge Silva Melo fala em particular do seu sorriso – ocupa sedutoramente a imagem. Adivinhámos que a quis filmar como sempre a viu no quadro de Sá Nogueira que surge atrás dela no fundo do plano (e que habita a casa da personagem de actriz teatro de Glicínia em NINGUÉM DUAS VEZES). Palavras dele: “A Glicínia é esse vento de modernidade que foi entrando aqui dentro depois dos anos de provincianismo tão convencido. Sá Nogueira pintou-a assim num retrato que está em sua casa e que sempre me entusiasma, os olhos brilhantes, um quase sorriso, debruçada para a frente, atenta.” *CONVERSAS COM GLICÍNIA* é um retrato entusiasmado, o retrato em que Glicínia posou para Jorge Silva Melo, o retrato em que Glicínia surge com o brilho dos olhos, o sorriso e a atenção que o realizador sempre nela notou. O filme é o registo dessa admiração dando a conhecer a singularidade do percurso da actriz. Mas é também outra coisa, que Jorge Silva Melo indica, certo, nuns parágrafos do seu “outro” belo texto sobre Glicínia Quartin e sobre este filme, em que as pistas extravasam tocando outras paragens:

Num passo: “Arranjámos muita documentação, muita fotografia, manifesto, livro, contrariamente ao que é costume as instituições foram de uma extrema simpatia, todas [...] Mas os documentos morriam perante a força da expressão da Glicínia.” Mais adiante: “É que também tenho ambições artísticas. Este filme não queria que fosse só um documento. [...] E eu não queria ficar atrás destes meus rivais de prestígio [Fernando Lemos, Fernando Conduto, Víctor Palla, Rogério de Freitas, Sá Nogueira], por isso mesmo pedi à Glicínia que posasse para mim neste filme feito todo em estúdio, montado à bruta, desprezando regras de continuidade que são dogmas do cinema, um retrato anguloso.” E no parágrafo seguinte: “Mas não é só um retrato da Glicínia o que quis fazer. Nem só da sua geração irreverente e viva, desses que, desde o ano passado, andam a fazer 80 anos e que, vamos ver no filme, estiveram no Teatro Taborda num comício do MUD.” É que Jorge Silva Melo está também a falar – diz ele ainda – “de uma genealogia, de uma transmissão, de um gesto que continua [...]” E continuou, sorte a nossa.

Maria João Madeira

ⁱ Os textos citados estão ambos publicados em *Século Passado*, ed. Cotovia, 2007: “Fernando Lopes: *Belarmino. Campões com jeito / é nossa vocação, nosso trajeito*”, pp. 185-189 (originalmente publicado no jornal Público, 21 de Maio de 1995); “Glicínia”, pp. 89-92 (originalmente publicado na revista *Epicur*, Junho de 2002). Sobre Glicínia Quartin, nesse volume, está igualmente publicado o texto “Nos 80 anos de Glicínia. Privilégios que a Gente Vive”, pp. 92-95 (originalmente lido como discurso na Culturgest, na estreia deste filme, em 20 de Dezembro de 2004).